

GRANDE FARRA EM GOIMBRA

«AMANHÃ, com o cortejo, se o tempo ajudar ainda vai ser melhor», comentava para «A Capital» um Intransigente das tradições académicas goimbrás, referindo-se ao modo como está a decorrer a Queima das Fitas deste ano e ao seu momento mais alto, exactamente o grande desfile dos estudantes pelas ruas da «Lusa Atenas». No cortejo, que percorrerá várias artérias entre a zona da Universidade e a Baixa, passando pela Praça da República e Antigos Estudantes de Coimbra. O espaço de outros 52 será ocupado por quartanistas das sete Faculdades da Universidade, principais vedetas da grande farra: os que queimam o «grelo» — fitas estreitas com as cores das respectivas escolas — para passarem a usar nas suas pastas as fitas largas de finalistas.

É este o momento em que os estudantes prestes a serem doutores se mostram juntos à população que enche habitualmente as ruas, aproveitando para mostrar carizes com piadas sobre a vida política, social e académica e para beber bastante champagne ou vinho espumoso.

Assim, amanhã, se a tradição for cumprida, haverá grandes bebedeiras — já se viam algumas no dia da serenata monumental com que a Quei-

ma abriu — provocando um acréscimo de movimento no serviço de urgências do Hospital da Universidade.

Amanhã, o cortejo já não deverá ser contestado rudemente por grupos de estudantes da esquerda radical, como sucedeu após o regresso crescente das tradições académicas a partir de 1977 e especialmente 1979 e 1980, quando a ressurgiu.

«Agora, quem gosta, alinha, e é o se tem visto desde o primeiro dia; quem não gosta de sanda», comentou em plena Praça da República, pejada de estudantes (muitos dos quais vestindo o seu traje tradicional) um antigo estudante, ele próprio vestindo capa e batina para participar, juntamente com os seus colegas do Orfeão dos Antigos Orfeonistas, no Sarau de Arte que constitui outro ponto marcante das festas.

Tradições regressam
As tradições académicas goimbrás — banidas pelos

próprios estudantes em 1969, em verdadeira rebelião contra a ditadura — começaram a regressar em 1976/77 com o uso da capa e batina, seminários sobre fé e tradições, serenatas de rua, até à realização da Queima das Fitas.

Para o efeito foram factores decisivos a intervenção, primeiro de sectores conservadores e tradicionalistas a que em certos casos não eram alheias motivações de ordem política e ideológica; mais tarde, de outros grupos esclarecidos, sectores económicos e instituições da cidade que consideravam não haver nada de mal, antes pelo contrário, no regresso às tradições no que elas têm de adaptável à vida de hoje.

Os antigos elementos, pertencentes a várias gerações, da Tuna e do Orfeão, juntam-se de novo para ensaios e espectáculos de nível reconhecido, empurrando para o primeiro plano o corpo dos seus novos.

Reposta a «ordem», as tradições ali estão pujantes e mais fortes de ano para ano nos momentos calendarizados, com um número crescente a usar o traje tradicional, as pastas e as insígnias académicas. Nem tudo, porém, é pacífico. O desejo de participação poderá mesmo estar na origem, amanhã, de conflitos entre os organizadores e protagonistas do cortejo e os seus correspondentes dos institutos superiores da cidade.

Manter festa genuína

«Já seguiu um ofício para o PSP pedindo a ajuda para o bloqueio de ruas que impeça os carros dos institutos de se juntarem a nós no cortejo», disse a «A Capital» o presidente da comissão central da Queima das Fitas, Maximino Gomez.

Para este quartanista de Medicina, «se a organização da Queima for alargada a outras escolas, deixa de ser uma festa genuína da Universidade de Coimbra».

Em consequência das tentativas feitas por estudantes dos institutos, com destaque para os de Engenharia, já houve em anos anteriores confrontos físicos. Dois carros alegóricos dos universitários apareceram mesmo licenciados o ano passado e as suspeitas foram endossadas aos candidatos ao desfile.

«Se abrissemos aos institutos, seguiriam-se a Escola de Enfermagem e outras e a Queima perderia características», justificou ainda Maximino Gomez.

Para o presidente da Associação Académica, «a praxe tem de ser adaptada à realidade». No entanto, Benjamin Lousada acrescentou que a referida adaptação é da competência exclusiva do Conselho de Veteranos, a quem também cabe decidir «da participação ou não dos institutos».

«Porque somos persistentes e nos consideramos com o direito de participar, este ano lá estaremos mais uma vez», anunciou por seu lado Jorge Godinho, da Associação de Estudantes do Instituto Superior de Engenharia de Coimbra, segundo o qual «só uma minoria de veteranos continua a opor-se».

Os dirigentes associativos do Instituto esperam entretanto reunir em breve com os seus opositores, a quem vão tentar mais uma vez sensibilizar para os direitos que lhes cabem.

«Nós, mais do que ninguém, andamos por aí a tentar impor

de novo a praxe, praxamos todos os nossos caloiros como deve ser e melhor do que lá em cima; participamos de direito em todas as actividades da praxe e apesar de tudo isto não nos deixam entrar no cortejo, que é o único ponto de divergência», explicou, protestando, Jorge Godinho, que reivindicou, no mínimo, o «direito moral» dos estudantes da sua escola em participar no cortejo.

Que farão com o «canudo»?

No fundo, e onde poderá talvez encontrar-se a verdadeira explicação deste fenómeno de rejeição e ascensão de cada uma das partes numa cerimónia de consagração pública, é que uns pertencem a uma multicentenária Universidade,

que dá «canudos» de licenciado mesmo aos de duas jovens Faculdades, como Psicologia e Economia.

Os outros, muitos dos quais o «numerus clausus» impediu o acesso à Universidade, estão numa escola que, pelo menos por enquanto, se limita a conceder «canudos» de bacharel e não tem história antiga.

«Fico indignado perante a demagogia de ver transformar institutos em universidades, como tem sucedido em Portugal», comentou um professor da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Coimbra, num colóquio subordinado ao tema «Saídas Profissionais para Jovens Licenciados: Que Perspectivas?», promovido pela comissão central no âmbito da Queima deste ano.

Segundo o mesmo docente, que esteve durante anos a trabalhar nos Estados Unidos, «o «canudo» de licenciado continua a ser o baronato dos tempos de hoje, que substituiu o título nobiliárquico a que não resistiram as forças vitoriosas da revolução liberal do século passado».

«Isto não é um país com licenciados a mais, pois apenas 2,4 por cento da população tem um curso universitário, mas um país de engratados, como disse o poeta Vinícius de Moraes e muito bem», defendeu, por seu lado, na mesma ocasião, um estudante de Letras, um dos raros alunos (uma 20 ao todo) que accorram ao colóquio para que algum dos especialistas presentes lhe explicasse que perspectiva (e os milhares como ele) tem de obter um emprego competitivo.

«Mentalidade nova»

Insistindo nos seus pontos de vista, o mesmo professor, que na oportunidade anunciou a preparação de docentes na sua Faculdade destinados à acção de formação profissional de jovens», é necessário criar uma mentalidade nova perante fenómenos como este que ainda nos domina».

«Há muitos alunos do Instituto de Engenharia que tentam entrar na Faculdade, empolados desta sem vantagens nem

para eles nem para o País», disse o mesmo docente, que justificou as pretensões «num desejo de ascensão errado».

Os poucos estudantes que acconteram para ouvir uma resposta às suas naturais angústias perante o futuro ficaram talvez mais esclarecidos sobre o que os espera: a vida vai ser muito dura nos próximos anos para os jovens licenciados.

Segundo um técnico do Instituto de Emprego e Formação Profissional (um de dois presentes no encontro), durante o próximo ano o País vai precisar de 2400 a 2800 licenciados, de acordo com as previsões da evolução da economia. No entanto, sublinhou mais adiante, só no ano lectivo de 1981/82 saíram das universidades cerca de 7 mil.

«Há um grave excesso neste grau de ensino e o nosso sistema educativo continua gravemente desajustado do sistema produtivo», disse o mesmo especialista.

De acordo com a mesma fonte, os jovens licenciados e os que têm falta de habilitações escolares e de formação profissional são as principais vítimas da evolução.

Faltam quadros intermédios

Em contrapartida, continua a registar-se carência de profissionais formados pelos Institutos Superiores. As previsões apontam para 6 a 8 mil postos de trabalho para aqueles profissionais, durante o próximo ano.

De «excesso de alunos no ensino universitário e escassez no superior não universitário filia também um responsável pela delegação do Instituto de Emprego e Formação Profissional em Coimbra.

Abordando as hipóteses de emprego de jovens licenciados, referiu-se aos apoios dados durante os estágios em empresas, em certos casos colaborando com outras entidades. Falou ainda com esperanças nas iniciativas locais de emprego (modalidade em que funciona a capacidade de «desenrascamento» de cada um, como acentuou por outras palavras), na criação em breve do cargo de «agente de desenvolvimento», do apoio a «projectos criadores de emprego, da ajuda a programas de conservação do património histórico e cultural».

«Na sociedade de hoje, as pessoas não podem estar à espera que o Estado lhes resolva todos os problemas», comentou o mesmo especialista.

«Amanhã logo se vê»

Mas, como diz a sabedoria popular, «tristezas não pagam dívidas». Assim, «amanhã logo se vê» e talvez por isso é que a festa é rija e participada.

Circunspectamente, começou há oito dias com a chamada «bênção das pastas», uma cerimónia religiosa tradicional, que encheu de estudantes, como — disseram-nos — nunca se viu, a ampla Sé nova.

O extenso e diversificado programa das festas que põe à prova a capacidade organizativa dos estudantes, começou a ser elaborado logo após a eleição da comissão central em que estão representados alunos quartanistas de todas as Faculdades.

Organizar a Queima na perspectiva de ano do centenário da antiga e prestigiada Associação Académica foi uma das preocupações da comissão central (em consonância com a Direcção-Geral) e daí o encontro de antigos dirigentes, noticiado há dias por «A Capital», bem como com as secções e organismos autónomos.

Na noite de quinta para sexta-feira — abertura de facto da Queima com a serenata monumental — a Sé Velha, as ruas da alta, a Praça da República, as artérias da baixa encheram-se com milhares de pessoas, em geral estudantes, muitos dos quais envergando as suas capas e batinas.

A festa prosseguirá entretanto depois de o programa de sexta, sábado e domingo terem sido dominados pelo sarau de arte, baile de gala e garrafeira na Figueira de Foz, para onde muitos foram, directamente do baile.

Do programa constam igualmente exposições de artes plásticas, provas desportivas das mais diversas modalidades, animação musical em plena rua, com zés-perleiras e tunas portuguesas e espanholas.

Caetano Veloso no parque

Hoje de manhã, os estudantes procederão à «venda das pastas», mimamuras em papel com as cores das faculdades cuja receita, como é da tradição, reverte a favor de uma instituição para crianças fundada pelo prof. Elísio de Moura.

A tarde, conhecidos intelectuais como Louçã Henriques, António Portugal e outros, participam num debate que se prevê animado sobre «tradições académicas e canção de Coimbra».

O acontecimento mais relevante desta segunda-feira centra-se no parque da cidade, onde todas as noites as diversas faculdades oferecem ao público um espectáculo musical mais ou menos variado.

Desta vez, Ciências ganhou: depois da actuação da Estudantina, o público poderá apreciar os Heróis do Mar, Rui Veloso, e, finalmente, Caetano Veloso.

«Todas as repúblicas estão a disputar o estatuto de anfitriãs, mas o Boa Boy Ela está na frente», comentou Maximino Gomez, a propósito do interesse que a ida do cantor brasileiro está desde há dias a despertar em Coimbra.

Pelo parque, nas próximas noites, passarão ainda nomes como Fernando Pereira, Lena D'Água, Rão Kyao e Jorge Palma.

Cerca de 25 mil contos é a despesa prevista com a Queima deste ano.

Os organizadores, além das receitas provenientes da venda de bilhetes para o parque (250 nos dias anteriores, 350 hoje e 300 amanhã), para o sarau (600, mas se fosse a mil também esgotava), bailes e outras actividades em recintos fechados como a verbena (baile,

Dia

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Organização estudantil
Queima das Fitas

